

Educação e Subjetivação: Palavras de Crianças e Jovens

Luciana Gageiro Coutinho¹

Cristiana Carneiro²

As questões referentes aos impasses na educação no mundo contemporâneo são os motores deste trabalho, desenvolvido em uma parceria que se sustenta pela participação no Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas (NIPIAC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. As inúmeras dificuldades que se apresentam na educação de crianças e jovens têm nos feito pensar bastante e questionar o modo como estas vem sendo tratadas teoricamente, bem como sobre os possíveis modos de intervir sobre elas. É bastante comum a queixa dos educadores sobre o “fracasso” de seus alunos que é identificado muito comumente como expressão de um sintoma individual (TDAH, bullying, déficit cognitivo, etc) ou familiar, mas muito raramente leva-se em conta a singularidade dos sujeitos e a situação em que se apresentam os problemas.

Nossas pesquisas partem do pressuposto básico de que os sujeitos sobre os quais nos debruçamos (crianças, adolescentes, pais, professores) não podem estar excluídos do processo de produção de um saber sobre eles mesmos. Nesse sentido, nos situamos dentro do campo da pesquisa-intervenção, bastante presente entre os trabalhos do NIPIAC. Como observa Castro (2008) a pesquisa-intervenção revela um modo de fazer pesquisa fecundo na sua articulação entre o que se investiga e como se investiga. Sendo assim, no caso das pesquisas no âmbito da infância e adolescência, passamos de uma posição de pesquisar as crianças e os adolescentes para a posição de fazer pesquisa com eles, colocando em questão a própria relação (assimétrica) entre o pesquisador e os seus objetos de investigação. Por isso mesmo, este método tem sido bastante valorizado no que diz respeito às pesquisas com crianças e jovens.

A pesquisa-intervenção parte da premissa básica de que os sujeitos se constituem no âmbito das práticas de significação, sempre numa situação partilhada com outros, sejam adultos ou outras crianças. Nesse sentido, a palavra ou qualquer ação

¹Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF); Doutora em Psicologia pela Puc-Rio, psicóloga, e-mail: lugageiro@uol.com.br

² Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Doutora em Psicologia pela UFRJ, psicóloga, e-mail: cristianacarneiro13@gmail.com

do pesquisador vai se realizar na interlocução continuada com os sujeitos através da construção de sentidos para as situações vividas. Assim, o sujeito é efetivamente constituído ao longo do processo de pesquisa por meio da interlocução com outros que também se incluem na forma como essa experiência se produz (Castro, 2008).

Paralelamente, partimos dos pressupostos da psicanálise, campo em que pesquisa e clínica caminham sempre juntas, de modo que destacamos a fala como instrumento indispensável à abertura de um espaço para o sujeito dentro da escola. A partir da psicanálise, podemos dizer que a educação, em sentido amplo, diz respeito ao encontro da pulsão com o a cultura e com a linguagem que se dá no início da vida - implica no recalque, na saída do registro da necessidade e entrada no registro do desejo - e se re-edita muitas vezes, de formas variadas, ao longo dela. Se, como diz Lajonquière (2010), “educar é endereçar a palavra a uma criança”, podemos entendê-lo ao assentirmos que essa palavra engendra o desejo e constitui o sujeito, assim como as margens definem o percurso de um rio.

Nesse sentido, sustentando-nos na perspectiva psicanalítica e no seu diálogo com as ciências sociais, entendendo que a educação e a subjetivação humanas se dão numa dimensão de linguagem, supomos que, muitas vezes, a fragilização do simbólico no laço educativo se apresenta sob a forma de problemas de escolarização e manifestações da violência nas escolas (DUBET [SPOSITO, PERALVA 1997]; LEBRUN, 2008; SANTOS, 2001).

Dito isso, a “conversação” é a metodologia proposta nos dois projetos que apresentaremos aqui, nos quais propomos a pesquisa-intervenção no âmbito da interlocução entre psicanálise e educação. A “Conversação” é um dispositivo introduzido por Miller (2003) visando promover espaços de conversa e debate em torno de situações de impasse vividas pelos que dela participam. Segundo Miller (2003) a associação livre pode ser coletivizada na medida em que não somos donos dos significantes, o que importa é que um significante chame outro significante. Assim, vários sujeitos podem participar, produzindo o que ele chama uma “associação livre coletivizada”, da qual se espera um certo efeito de saber. A proposta da conversação é permitir que cada sujeito envolvido na situação possa tomar a palavra e agir, inspirado pelos significantes dos outros, saindo de uma posição passiva, repetitiva e paralisante.

A experiência da “Conversação” em escolas (LACADÉE, 2000; GATTI, 2005; GAVARINI, 2009; SANTIAGO, 2005) tem revelado que a oferta de “um espaço onde se pode falar” produz a circulação da palavra e, com isto, a possibilidade de

desnaturalização de preconceitos, flexibilização de identificações permitindo uma transformação do mal estar paralisante em saídas produtivas (LAURENT,2004).

Apresentaremos agora dois breves relatos de pesquisa-intervenção em escolas da rede pública do Rio de Janeiro, sustentadas pelo método da “Conversação”. A primeira diz respeito a um trabalho feito com adolescentes do 8º e 9º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública do Estado do Rio de Janeiro, com os quais realizamos conversações visando promover um espaço de fala e de circulação de sentidos que possa ser proveitoso tanto para a nossa pesquisa quanto para os jovens participantes do projeto. A segunda experiência trabalha com pais de crianças e adolescentes do Ensino Fundamental e visa, através da conversação, abrir um espaço de participação efetiva dos pais dentro da escola.

O primeiro trabalho foi permeado pela própria dificuldade de sustentar um espaço de fala e escuta entre eles, já que o que predominava era o barulho, os gritos e a pouca disponibilidade em se ouvir uns aos outros. Pudemos, no entanto testemunhar momentos de irrupção do novo e do inusitado. Uma destas situações se deu na turma do 8ª ano quando, em meio à gritaria e à dificuldade em se engajar na associação coletivizada proposta pela coordenadora do trabalho, uma aluna propôs a brincadeira de “telefone sem fio” e imediatamente o engajamento da turma se modificou. Nesta brincadeira, que trata especificamente do falar e do ouvir, novos laços puderam se estabelecer, ainda que momentaneamente, entre os participantes. Até mesmo uma aluna que era sempre estigmatizada pela turma, entra na cadeia associativa sem maiores problemas.

Na turma do 9º ano, cuja tônica das associações era mais em torno da violência sofrida ou executada por eles próprios dentro da escola, tivemos vários momentos em que os participantes puderam se falar e se ouvir a respeito disso. Falam basicamente que se irritam muito uns com os outros porque passam muito tempo juntos. São freqüentes as ameaças de um matar o outro. Quando instigados a fantasiar sobre uma estória possível de se passar na escola, as brigas na sala de aula resultaram na morte de todos os alunos. Um dos meninos que participava do grupo comenta então em voz alta: “nossa, que estória violenta!”. Em outro momento, uma menina comenta naturalmente que gosta de ver sua amiga sofrer e se diverte fazendo-a chorar, gritando ou falando coisas horríveis sobre ela. Esta fala provoca choque em uma adolescente da turma que se posiciona achando estranho alguém gostar de ver o outro sofrer.

Tais experiências com os adolescentes têm nos provocado muitas interrogações, principalmente no que diz respeito ao estatuto da palavra para esses sujeitos. Notamos nesses adolescentes um uso da palavra como forma de afirmação de si, expressão da rivalidade imaginária na relação ao outro que se faz muito presente para eles na fantasia e no cotidiano. Falar, gritar, sem se comprometer com o que falam, mas muito mais para impedir que o outro fale. Nesse sentido, parece-nos que esses adolescentes expressam de forma sintomática a falência da dimensão simbólica, da palavra autorizada e compartilhada, operante nessas turmas – e por que não dizer nas escolas, já que a atitude com os professores não é muito diferente, de acordo com que eles relatam. Qual o lugar para os pactos, os compromissos e o reconhecimento das diferenças, tão fundamentais à instauração de uma prática educativa, nesse contexto? Tais reflexões têm nos levado a reafirmar a importância de se abrir um espaço de fala e escuta, diferenciado e distanciado das formas de expressão instituídas dentro da escola.

O segundo trabalho, intitulado Palavra de Pais, vem acontecendo regularmente desde setembro de 2010, e contou até hoje com quinze encontros de aproximadamente uma hora cada. Quer, sobretudo, destacar a importância de compreender e visibilizar as condições - subjetivas e objetivas - que tornam pais atores sociais que agregam, no âmbito das trocas sociais, valores e qualidades específicas através de seu agir. Pais participam nos destinos societários e na construção cultural, sobretudo no que diz respeito a educação de crianças e jovens do Brasil atual. Neste sentido, torna-se relevante investigar quais formas e de que modo sua participação se dá, quais os efeitos que geram na dinâmica social, e sobretudo, como esses processos interferem na constituição subjetiva de seus filhos, mais especificamente no que tange à educação. Se a experiência e a memória hoje deixam de ter a relevância de tempos precedentes, já podemos ver que, conseqüentemente, o lugar dos pais enquanto aqueles que possuem experiências válidas a compartilhar fica questionado. Será que a escolarização dos filhos pode ser entendida como relacionada à trajetória que tiveram? Conseguem perceber a influência de sua história na trajetória dos filhos? Como estariam percebendo o processo educativo de seus filhos dentro da escola? Indo nesta direção, Palavras de Pais tem como objetivos promover um espaço de fala para pais e professores envolvidos no processo educativo de crianças e adolescentes; produzir efeitos terapêuticos sobre o mal-estar dos sujeitos participantes das oficinas e idealizar e executar práticas de intercâmbio entre a família e a escola. A oficina ocorre uma vez por quinzena e é aberta a todos os pais que desejarem frequentá-la. A escola escolhida, Francisco Alves, acolhe

o primeiro segmento do Ensino Fundamental. Cada oficina conta com a presença de, no mínimo, dois alunos e a professora. Um responsável pela coordenação do grupo com a supervisão da professora e o outro, ainda que participante ativo, prioritariamente dirigido à observação e ao registro.

Nestes quinze encontros pudemos constatar algumas variáveis bastante significativas. O grupo é bem descontínuo, pois se revezam com frequência. Alguns só freqüentaram uma vez, no entanto um grupo se mantém desde o início: mães de alunos especiais. A equipe de pesquisadores já se perguntou o porquê de tal incidência, e um dos fatores contribuintes é o fato de as mães ficarem na escola aguardando pelos filhos. No entanto, outras mães ficam esperando e não sobem para o Palavra de Pais, o que leva a crer que estas mães desenvolvem um outro tipo de engajamento com a escola. O fato de poderem falar, de ter um espaço onde podem trocar idéias diversas, é um chamariz e ao mesmo tempo afugenta. Alguns pais não têm o hábito de falar sobre si mesmos e suas vidas em lugar nenhum, e parecem achar esquisito e inusitado. A demanda inicial da escola era trazer e trabalhar “os pais difíceis”, no entanto estes nunca compareceram. Atualmente o grupo de pais mostra-se mais à vontade e autônomo inclusive para sugerir temas como o último, a sexualidade dos seus filhos. Algumas vezes o grupo foi iniciado com uma dinâmica para quebrar o gelo, mas logo em seguida os pais tomavam a palavra. Durante os encontros notou-se entre os participantes uma urgência em falar, era preciso constantemente a intervenção do coordenador para que a palavra circulasse e não ficasse monopolizada por alguns. Muitas vezes o horário se estendeu para além do estipulado. Os temas variaram bastante, de acordo com seu interesse: violência, participação do pai em casa, infância, educação, sexualidade. Um tema apareceu mais de uma vez, a queixa, reclamação de que não tinham tempo para ficar com os filhos. A coordenação do grupo sempre interveio no sentido de que pudessem falar de suas experiências, quando se sentiam à vontade em fazê-lo. Muitos vieram do nordeste e puderam relatar parte de suas infâncias, desde a falta de comida, as brincadeiras com caramujos, o silenciamento sobre a sexualidade. O tema do castigo corporal também surgiu no grupo e uma mãe, em particular, pode contar um pouco de seu abandono do lar por uma impossibilidade de viver com um pai onde o espancamento era a principal forma de expressão. Muitas vezes os relatos vem acompanhados de uma boa dose de afeto, e um encontro, especificamente, contou com o choro de mais de três participantes. Neste dia fizemos uma dinâmica que questionava o lugar afetivo que os filhos poderiam estar ocupando para eles e uma das mães pôde dizer: “ puxa...eu não

pensava que minha filha pudesse ser tão importante para mim...”. Num outro momento, outra mãe pode cozinhar com sua filha e relatar que nunca tinha feito isto em conjunto, narrando com prazer a experiência compartilhada. Apenas esta mãe pôde descrever em palavras uma mudança em relação à filha, a partir dos encontros das oficinas. Apesar do projeto não contar com uma presença tão significativa de pais (a escola tem aproximadamente trezentos alunos e a média de frequência de pais é dez por oficina) acreditamos ser uma possibilidade outra diante de um cenário contemporâneo onde a trajetória da experiência vivida perde seu valor como narrativa compartilhável e como baliza de diferenciação entre pais e filhos. Oferece, ainda, possibilidade de distanciamento do presente através da palavra.

A partir destes breves relatos de experiência, destacamos um ponto bastante paradoxal encontrado nos dois trabalhos. Ambos os grupos, bem diferenciados, ao longo das propostas de conversação, demonstraram interesse em *falar*, em por em palavras, gritos ou choro, algo do vivido. O silêncio não apareceu em nenhuma das experiências como destaque. No entanto, paralelamente à perceptível urgência da palavra, encontramos dois grandes movimentos de resistência. No primeiro grupo, de adolescentes, um descrédito e implicância em participar por dois motivos principais: a exigência de presença por parte da escola e uma idéia de que aquilo não serviria para nada, não contava nota, por exemplo. Se a finalidade mais imediata é motivo um pouco mais compreensível nesta faixa etária, podemos estender ao grupo de pais de forma similar. Os pais mais assíduos relataram em nosso último encontro: “você precisa ver, na última reunião que discutia um possível abono para transporte, tinham pais que eu nunca tinha visto na escola!”, o que a diretora posteriormente ratificou tentando nos dizer que eles não frequentam o grupo porque não ganham nada em troca. As duas experiências conseguiram perceber efeitos de saber a partir das conversações, no entanto por que os mesmos não são suficientes para que os sujeitos retomem a palavra num próximo encontro, ou afirmem a importância de o ter? Neste sentido a falta de finalidade imediata, objetiva, concreta parece estar distanciando os sujeitos dos espaços alternativos de fala, no entanto quando frequentam estes espaços o que se observa é a urgência em falar. Desta forma, não aparece prioritariamente a dificuldade em falar, pelo contrário, muitas vezes o que aparece é uma ânsia, uma fala barulhenta, um falar aos borbotões. Concluímos parcialmente, então, que o possível distanciamento dos espaços alternativos de fala não se dá pela dificuldade em narrar, mas talvez se deva à descrença de que a palavra possa os levar a algum lugar.

Bibliografia

- CASTRO, Lúcia e BESSET, Vera.(orgs) *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro:Trarepa/FAPERJ, 2008.
- GATTI, Bernadete. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília:Líber Livro, 2005.
- GAVARINI, Laurence. Como os adolescentes da periferia (se) falam? Jogos na forma de se endereçar aos pesquisadores. *Estilos da Clínica*, v. 14, n. 27, p. 48-82. 2009a.
- LACADÉE, Philippe. De la norme de la conservation au détail de la conversation. In: LACADÉE, P. & MONNIER, F. (orgs). *Le Pari de La Conversation*. Institut Du Champ Freudien: CIEN (Centre Interdisciplinaire sur l'Enfant. Paris, 1999/2000. (Brochure).
- LAJONQUIÈRE, L. *Figuras do Infantil: A Psicanálise na Vida Cotidiana com as Crianças*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LAURENT, Eric. CIEN, Instituto del campo freudiano. In: *Cuaderno/5*, nov.2004. Buenos Aires:CIEN ;Instituto del campo freudiano; Centro de investigaciones del ICBA.
- LEBRUN, J. *A Perversão Comum: Viver Juntos sem Outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- MILLER, Jacques-Alain. “Problemas de pareja, cinco modelos”. In: *La Pareja y el Amor: conversaciones clinicas en Barcelona*. Barcelona: Eólia, 2003.
- SANTIAGO, Ana Lydia. O mal-estar na educação e a Conversação como metodologia de pesquisa: intervenção em psicanálise e educação. In: CASTRO, Lúcia e BESSET, Vera.(orgs) *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro:Trarepa/FAPERJ, 2008.p. 113-131.
- SANTOS, J.V. SANTOS, J.V.T. A violência na escola. *Educação e Pesquisa*, v. 27, n.1, 105-122, 2001.
- SPOSITO, M.; PERALVA, A. “Quando o sociólogo quer saber o que é professor – entrevista com François Dubet”. *Revista Brasileira de Educação*, nº 5/6, 222-231, 1997.